



SOBRE A VIABILIDADE DO FUNDACIONISMO EPISTÊMICO FALIBILISTA¹

Carlos Augusto Sartori². UNIJUI

Se *S* tem conhecimento, ele tem uma crença verdadeira *justificada* (e mais alguma coisa). O desafio cético mais radical, entretanto, diz que não é possível que *S* tenha conhecimento porque nem sequer ele pode ter uma crença justificada. O argumento do cético assume, também, que se há justificação, ela ocorre numa cadeia regressiva em que uma crença deve servir de justificação para outra crença. Esse regresso, todavia, é extremamente problemático pelas alternativas que ele oferece: o regresso poderia lançar-se ao infinito; o regresso poderia dobrar-se sobre si mesmo, gerando uma cadeia circular; ou o regresso é interrompido arbitrariamente, assumindo que uma crença *injustificada* seja a base da justificação de outras crenças. Ora, se forem essas as possibilidades oferecidas pelo regresso epistêmico das justificações, aparentemente, o cético teria a última palavra e seria preciso conceder a ele que é impossível que haja crenças justificadas e, portanto, que haja conhecimento. A solução cética, entretanto, é desagradável, dado que se pensa que, pelo menos em alguns casos, as pessoas estão justificadas em ter as crenças que elas manifestam e, até, estão justificadas em pensar que elas têm conhecimento de algumas coisas. A tese de que existem crenças básicas e que sobre elas se erige uma superestrutura de crenças justificadas é conhecida como *fundacionismo epistêmico*. O fundacionismo epistêmico é a resposta ao regresso epistêmico que considera que o conhecimento só é possível se houver crenças básicas que possam sustentá-lo. Qualquer teoria fundacionista admite que (1) existem crenças básicas; (2) existem crenças não-básicas; e (3) toda cadeia evidencial de uma crença não-básica justificada termina numa crença básica. A versão clássica do fundacionismo sustenta que as crenças básicas são infalíveis e dizem respeito aos próprios estados mentais, aos quais o sujeito tem acesso privilegiado. Mas existem argumentos bastante fortes contra a tese de que seja necessário formar as crenças sobre os estados mentais, e, portanto, há uma boa motivação para abandonar o fundacionismo clássico e adotar uma versão mais moderada de fundacionismo, um fundacionismo falibilista que não requeira a infalibilidade das crenças básicas. As experiências de *S* sobre o mundo exterior estão em ordem e as crenças que ele forma a partir dessas experiências são *prima facie* justificadas, isto é, justificadas se *S* não tem nenhuma evidência que faça ele pensar que algo de errado está acontecendo que possa tirar-lhe a justificação das crenças que ele forma a partir dessas experiências. Essa parece ser, efetivamente, a melhor resposta ao cético: há excelentes razões para se pensar que se sabem muitas coisas sobre o mundo empírico, ainda que não se tenha a prerrogativa da infalibilidade sobre as crenças que se formam sobre o mundo exterior. Assim, partindo-se da hipótese de que o ceticismo é uma tese falsa e considerando que, se há conhecimento, esse conhecimento envolve, pelo menos, uma crença verdadeira justificada, buscou-se descobrir o que é que pode dar justificação às crenças e as habilita a constituir conhecimento. Utilizando o método hermenêutico, foi feita a interpretação dos temas apresentados pelos mais proeminentes fundacionistas, realizando-se uma análise textual, temática, interpretativa, seguida da problematização e síntese pessoal. A conclusão a que se chegou é a de que é possível defender, ao mesmo tempo, a doutrina fundacionista e permitir a falibilidade dos fundamentos do conhecimento. Como parece que essa teoria consegue contornar as dificuldades apontadas pelas alternativas, tem-se a conclusão de que, se existe alguma viabilidade para o

¹ Este trabalho é, em forma reduzida, o resultado da tese de doutorado em Filosofia, apresentada à PUCRS, em agosto de 2006.

² Professor do Departamento de Filosofia e Psicologia da Unijuí.



fundacionismo epistêmico, então a melhor alternativa é o fundacionismo epistêmico moderado.